

Imagens da modernidade líquida de Bauman em duas cidades invisíveis de Calvino

Amélia de Jesus Oliveira & Sandro de Cássio Dutra
(Universidade Estadual Paulista, Brasil)¹

Resumo: A literatura e a sociologia são diferentes narrativas sobre a condição humana e estão em permanente diálogo, segundo o sociólogo Zygmunt Bauman (2001). Em diversas passagens de sua obra, ele recorre à arte literária para explicitar sua concepção da sociedade atual –uma sociedade líquida. O presente artigo explora essa troca, com foco sobre duas das cidades invisíveis, descritas pelo viajante Marco Polo, na obra de Italo Calvino (2017). Buscamos mostrar como as cidades de Lêonia e Eutrópia são ricas em *insights* para se refletir sobre a condição do indivíduo em tempos cada vez mais líquidos. A motivação vem do próprio Bauman que menciona as cidades em suas reflexões. Buscamos, na sequência, explorar outras características das cidades mencionadas, de maneira a discutir aspectos constituintes de nossa condição líquida contemporânea.

Palavras chave: Modernidade líquida, Cidades invisíveis, Bauman, Calvino.

Abstract: Literature and sociology are different narratives about the human condition in permanent dialogue, according to sociologist Zygmunt Bauman. In several passages of his work, he resorts to literary art to explain his conception of the current society - a liquid society. This article explores this relation by focusing on two of the invisible cities, described by the traveler Marco Polo, in Italo Calvino's *Invisible Cities*. It seeks to show how the cities of Leonia and Eutropia are rich in insights to reflect on the condition of the individual in increasingly liquid times. Bauman himself mentions these cities in his reflections. We try to explore features of the mentioned cities in order to discuss aspects of our contemporary liquid condition.

Keywords: Liquid modernity, Invisible cities, Bauman, Calvino.

Recibido: 1º de octubre. *Aceptado:* 11 de diciembre.

1. Amélia de Jesus Oliveira: Professora de filosofia na FAJOPA - Faculdade João Paulo II. Graduada em Letras e Filosofia (UNESP), mestrado (UNESP), doutorado (UNICAMP) e pós-doutorado em Filosofia (UNICAMP/FAPESP). Realizou pesquisas sobre as obras de Karl Popper, Pierre Duhem, Henri Poincaré, Thomas Kuhn e George Sarton. Atualmente empreende pesquisa em história e historiografia da ciência e sobre a relação da literatura com as ciências humanas.

Sandro de Cássio Dutra: Pós-doutorando no Departamento de Letras Modernas- UNESP- Assis-SP. Graduado em História (UNESP), mestre em História (UNESP); Doutorado em Teatro (UNIRIO) e Pós-doutorando em Letras (UNESP). Ator, diretor e dramaturgo no teatro amador. Pesquisador do conceito de improvisação teatral. Publicou estudos sobre improviso, Teatro do Oprimido e teatro de rua.

Introdução

Quando interrogado sobre o que a literatura poderia ensinar sobre a sociedade e a condição humana, Bauman (2004a) afirma ter apreendido que romancistas e poetas sempre foram seus “camaradas de armas, não competidores e muito menos antagonistas”.² A sociologia, como muitas outras narrativas, de diferentes estilos e gêneros que relatam a experiência humana de estar no mundo, não poderia ser tomada como uma narrativa “por direito”, superior a qualquer outra, pois como qualquer uma tinha que “provar seu valor e utilidade pela qualidade de seu produto” (Bauman, 2004a 318).

A seu ver, a literatura pode ter mais a dizer sobre a experiência humana do que relatórios de pesquisa sociológica: “A vida diária com médias, estatísticas, tipos categorias e padrões facilmente faz com que se perca de vista a experiência. Um bom romance teria, então, um efeito salutar e sóbrio, lembrando ao praticante dos ‘métodos sociológicos’ qual deveria ser o ‘negócio’ da sociologia e que tipo de sabedoria ela deveria estar permanentemente buscando” (Bauman, 2004a 318).

Se restrita à razão, com ganho de elegância teórica e prazer estético, oriundo do relato lógico, em desconsideração às ações emocionais, irracionais, erráticas, que também compõem a condição humana, qualquer descrição ou narrativa acerca de aspectos da vida humana perde totalmente a comunicação com a experiência humana cotidiana. E a sociologia precisa ser um diálogo contínuo com a condição do homem.³

Tolstói, Balzac, Dickens, Dostoiévski, Kafka e Thomas More são exemplos de escritores de cujas obras Bauman teria –ele afirma– recebido “muito mais *insights* sobre a substância das experiências humanas do que centenas de relatórios de pesquisa sociológica” (Bauman, 2004a 318).⁴ A literatura teria o poder de comunicar o que faz com que as pessoas sejam o que ela são, o que pensam, os dilemas que têm de enfrentar e as alternativas de que dispõem em determinados contextos sociais. E o sociólogo Bauman, que se tornou um dos mais famosos pensadores da contemporaneidade, a ela recorreu para explicitar o que denominou de “sociedade líquida”.⁵

2. Em 2016, Bauman e Mazzeo publicaram um livro, resultado de uma conversa sobre a relação entre a sociologia e a literatura: *O elogio da literatura*, aqui indicada em sua versão brasileira de 2020.

3. Bauman (2015) relata que, quando notou, no fim das últimas décadas do século XX que a sociologia não tinha mais o papel de intermediar a relação entre governantes e governados, uma vez que os primeiros abriam mão de seu papel, ele teria passado a escrever não mais para sociólogos, mas para leitores diretamente, sem intermediários.

4. Vale lembrar que Max Weber (2011) em sua influente conferência, publicada há mais de cem anos, “A ciência como vocação”, citou Tolstói para discorrer sobre o processo de “desencantamento do mundo” da cultura ocidental. Em sua análise, os romances tardios de Tolstói teriam explicitado o esvaziamento de sentido da vida em uma absurda progressividade da vida moderna.

5. “Líquido” foi o adjetivo que o sociólogo polonês escolheu para designar metaforicamente o caráter da vida humana em uma época em que “instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades ‘auto evidentes’” (Bauman, 2004a 322).

Neste artigo discutimos alguns aspectos característicos da sociedade a que Bauman denominou de “líquida”, a partir de *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino –uma obra⁶ por ele vista como portadora de metáforas visionárias, bastante esclarecedoras de nossa condição no século XXI. É oportuno lembrar que a mencionada obra de Calvino, para alguns, pode ser vista como uma obra da pós-modernidade, dada a fluidez existente entre as fronteiras dos gêneros literários.

Italo Calvino recupera as viagens do veneziano Marco Polo quando este exerceu a função de diplomata para o imperador tártaro Kublai Khan, no decorrer do século XIII. O viajante italiano descreve as cidades ao imperador que, por conta de seu vasto domínio territorial, não lhe era possível conhecer. Os relatos de Marco Polo conquistam a atenção e a curiosidade de seu interlocutor que, não raras vezes, dá margem a um diálogo filosófico, questionador ou autocrítico. As cinquenta e cinco cidades –invisíveis para Kublai Khan– são relatadas sinteticamente por Calvino. A brevidade na descrição de cada uma delas dá um corolário especial à narrativa, caracterizada pela consistência, dinâmica, vivacidade e surpresa.

Logo no início da obra, ao descrever a cidade de Zaíra, o protagonista adverte o imperador sobre o que realmente caracterizaria uma cidade. Não é a especificação de suas ruas, alegava ele, nem a exatidão da circunferência dos arcos dos portais nem a qualidade do zinco que cobre as casas e os edifícios, mas a relação existente entre a medida desses espaços e os seus acontecimentos decorridos. Os fios esticados e presos em um lampião até uma balaustrada, enfeitados para o cortejo nupcial da rainha, é um exemplo da mencionada relação (Calvino, 2017 15).

Nesse sentido, Italo Calvino e Bauman se encontram e dialogam. A literatura de um e a sociologia de outro, com ferramentas distintas, cavam o chão árido da vivência e da convivência humana almejando alcançar o aquífero límpido dos motivos e motivações dos coletivos de gentes. Ao atingir o aquífero, a água deve ser canalizada para a crosta, com fins a ser sentida, apalpada, vista, cheirada, analisada, como na cidade de Armila, descrita por Marco Polo (Calvino, 2017 59).

Leônia: cidade modelo de consumo incessante e lixo sólido

Italo Calvino é um autor citado por Bauman em diversas partes de sua obra⁷ para ilustrar aspectos essenciais da caracterização da sociedade atual. Assim a cidade fictícia de Leônia bem exemplifica o consumo excessivo, a busca da opulência e a volatilidade dos bens de consumo: “A cidade de Leônia refaz a si própria todos os dias: a população acorda todas as manhãs em lençóis frescos, lava-se com sabonetes recém-tirados da

6. Ver, por exemplo, Matta, Ribas, Zanette (2011).

7. Ver, por exemplo, Bauman (2001), (2004a), (2004b), (2007a), (2007b); (2011).

embalagem, veste roupões novíssimos, extrai das mais avançadas geladeiras latas ainda intactas, escutando as últimas lenga-lengas do último modelo de rádio” (Calvino, 2017 138).

Embalagens de sabonetes e latas têm como destino o lixo que comporta não só os invólucros e objetos sem utilização –“tubos retorcidos de pasta de dente, lâmpadas queimadas [...], mas também aquecedores, enciclopédias, pianos, aparelhos de jantar de porcelana” (Calvino, 2017 138). O descarte de enciclopédias bem representa o espírito do descarte de um conhecimento sólido contraposto às “lenga-lengas do último modelo de rádio”. Assim, como os bens práticos do dia a dia, o conjunto de conhecimento humanos e as notícias não têm qualquer valor.

Segundo Bauman (2011 122), nosso mundo moderno-líquido se assemelha cada vez mais à cidade invisível descrita por Italo Calvino, *Leônia*, cujos habitantes exibem repulsa aos objetos duráveis e encontram sentido na renovada troca de objetos sempre descartáveis. O valor das coisas e dos vínculos humanos está na efemeridade. Em diversas passagens de sua obra, o sociólogo avalia como a durabilidade deixou de ser um atributo valorizado e digno de elogio. O que ocorre na sociedade de consumo líquido é exatamente o oposto: o valor dos bens e das relações humanas é aferido pela fluidez e curta duração.

Se para o narrador de *Leônia* paira a dúvida acerca da verdadeira paixão de sua população (“o prazer das coisas novas e diferentes” ou “o ato de expelir, de afastar de si, expurgar uma impureza recorrente” (Calvino, 2017 139), é “certo que os lixeiros são acolhidos como anjos e a sua tarefa de remover os restos da existência do dia anterior é circundada de um respeito silencioso [...] ou simplesmente porque, uma vez que as coisas são jogadas fora, ninguém mais quer pensar nelas” (Calvino, 2017 139). Nesse sentido, um aspecto que permanece inequívoco na descrição de *Leônia* é o descarte. É assim que, em uma sociedade líquido-moderna, a indústria responsável pela remoção do lixo tem destaque na economia. Diz Bauman:

A sobrevivência dessa sociedade e o bem-estar de seus membros dependem da rapidez com que os produtos são enviados aos depósitos de lixo e da velocidade e eficiência da remoção dos detritos. Nessa sociedade, nada pode reivindicar isenção à regra universal do descarte [...]. A constância, a aderência e a viscosidade das coisas, tanto animadas quanto inanimadas, são os perigos mais sinistros e terminais, as fontes dos temores mais assustadores e os alvos dos ataques mais violentos (Bauman, 2007a 9).

Em *Leônia*, sabe-se que o lixo é levado para fora da cidade. A quantidade de entulhos cresce na proporção, cada vez maior, da fabricação de novos artigos de consumo, gerando montanhas de resíduos, que se solidificam e que poderiam se estender continuamente, atingindo o mundo, se não fossem comprimidas, em seu ponto mais elevado, pelo lixo de outras cidades. A conjectura do narrador é a de que talvez

o mundo inteiro, além dos confins de Leônia seja recoberto por crateras de imundície, cada uma com uma metrópole no centro em ininterrupta erupção. Os confins entre cidades desconhecidas e inimigas são bastiões infectados em que os detritos de uma e de outra escoram-se reciprocamente, superam-se, misturam-se (Calvino, 2017 139-140).

Contudo, quanto mais elevada a montanha de lixo, maior é o perigo de desmoronamento e maior o risco de Leônia desaparecer entre os entulhos. Se assim ocorrer, as cidades vizinhas estarão prontas para estender seus territórios e empurrar, para mais longe, seus depósitos de lixo.

A descrição de Leônia muito diz sobre as cidades em tempos líquidos. Bauman (2007a) considera que o lixo é o produto mais abundante na nossa sociedade de consumo. E, por isso, um dos maiores desafios da vida líquida. Se aquilo que nos é útil têm pouca duração, é efêmero, somente o lixo “tende a ser [...] sólido e durável. ‘Solidez’ agora é sinônimo de ‘lixo’” (Bauman, 2007a 118).

Leônia (Calvino, 2017 138-141) é a primeira das cinco “cidades contínuas” descritas pelo narrador. E a ideia de continuidade exhibe, neste caso, uma relação paradoxalmente complexa. Como outras “contínuas”, a cidade em questão é contínua no espaço, mas não no tempo. Nela tudo se renova e se esvai a cada dia. Nada tem durabilidade. O que é contínuo é somente o lixo, o que justamente ameaça a continuidade de existência de renovação de bens no tempo.

Eutrópia: a insaciabilidade e o tédio em tempos líquidos

Ao se adentrar em terras nas quais a capital é Eutrópia (Calvino, 2017 77-78), o viajante sabe que existe uma porção de cidades nesse mesmo espaço, que estão juntas, são muitas parecidas e vazias. Eutrópia é aquela que está habitada no momento. No entanto, quando as pessoas se cansam dela, são contempladas com o mecanismo da rotatividade. Sempre haverá uma nova cidade –outra e mesma Eutrópia–, com um novo trabalho, uma nova habitação, novos parentes, novos relacionamentos conjugais. O tédio é expurgado da vida da comunidade até que a nova cidade imponha, mais uma vez, uma existência monótona e insuportável. E assim, sempre haverá uma nova Eutrópia, pronta para receber a população sedenta de paisagens inéditas, de atividades diferenciadas, de frescas amizades.

Na teoria de Bauman sobre a modernidade líquida, observa-se que o indivíduo é “incapaz de parar, que dirá de ficar imóvel” (Bauman, 2008 135). O movimento na sociedade líquida é constante, acelerado e direcionado à infinitude, pois a satisfação está no amanhã, sempre no amanhã. Vive-se nas cidades, como em Eutrópia, sabendo e esperando que a qualquer momento haverá um novo lugar, um novo emprego e até uma

família recente. As realizações das pessoas, quando alcançadas, já perderam seu sabor, pois há novas realizações a serem conquistadas. A satisfação está no próximo produto, que será mais sofisticado; no emprego seguinte, com melhores condições trabalhistas; na posterior solicitação de amizade, pois se alcançará a marca de quinhentos, seiscentos, oitocentos ou mil “amigos” conquistados virtualmente com um simples click.

A tecnologia moderna é utilizada para manter o ritmo frenético da busca pela novidade. Um produto popular como o celular, que surge como substituto do telefone, logo ganha recursos diferenciados. Ele passa a enviar mensagens escritas, depois mensagens faladas e, em seguida, transforma-se em um computador, atendendo sem restrições aos indivíduos de qualquer idade. Oferece jogos, notícias, livros, receitas, músicas, filmes e informações acerca de todos os assuntos. E ainda não é tudo. Os aplicativos dos celulares apresentam outras novidades, tais como o acesso às contas bancárias e aos encontros virtuais entre pessoas de qualquer parte do planeta. Em meio a uma situação de pandemia de Covid-19, os aplicativos florescem. Para realização de videoconferências, há, por exemplo, o Cisco Webex, Meetings, Google Meet, LogMeln, GoToMeeting, Microsoft Teams e Zoom.

Ocorre que os novos recursos introduzidos nos aparelhos celulares necessitam de maior espaço e de processamento mais elaborado e rápido. Conseqüentemente, os celulares são reformulados constantemente para dar conta desse crescente oferecimento de opções aos usuários. Empresas como a Samsung, Xiaomi, Motorola, Apple e Asus lançam aparelhos renovados a todo instante. As pessoas adquirem os celulares conscientes de sua efemeridade e do iminente anseio por um novo aparelho, disponível nas vitrines das lojas, que já anunciam o lançamento da próxima novidade.

Para Bauman, a modernidade líquida se caracteriza pela busca de uma satisfação compulsiva e obsessiva sem limites que causa uma “ânsia avassaladora e endêmica pela destruição criativa (ou criatividade destrutiva, conforme seja o caso –para ‘limpar o terreno’ em nome do *design* ‘novo e melhorado’; para ‘desmantelar’, ‘cortar’, ‘defasar’ e ‘diminuir’ em prol da maior produtividade ou concorrência)” (Bauman, 2008 135).

Salienta-se que a criatividade destrutiva, mencionada por Bauman, refere-se ao mecanismo responsável por rotular de obsoleto tudo aquilo que poderia ser durável (celular, carro, casa etc.), impondo um novo visual e melhoria de funcionamento diariamente. Não seria exagerado acrescentar aos itens acima mencionados aqueles vislumbrados em Eutrópia, como o emprego, os parentes, os vizinhos. Na modernidade líquida, os relacionamentos humanos são menos estáveis, as amizades são conquistadas de manhã e canceladas à noite, as pessoas localizam colegas que não viam há vinte ou trinta anos para, depois de uma breve conversa, reencontrarem-se num futuro que não se sabe quando será. Os relacionamentos pessoais transformaram-se e não possibilitam

a satisfação de conexão com outro. Dessa forma, o indivíduo busca constantemente “limpar o terreno” e reservar inúmeras cidades vazias, como em Eutrópia, para poder ocupá-las no momento em que a cidade atual lhe causar tédio. O prazer humano está na constante busca por novas realizações, pois elas sempre se apresentam com *designers* frescos e melhorados. A satisfação está na conquista de possuir o último modelo de celular, de roupa, de casa, de parentes, de amigos ou de cônjuge.

Na Eutrópia, de Calvino, parece haver certa sincronicidade entre seus habitantes quando são acometidos pelos aborrecimentos e suas vidas tornam-se insuportáveis, porque “nesse momento todos os cidadãos decidem deslocar-se para a cidade vizinha que está ali à espera, vazia e como se fosse nova” (Calvino, 2017 77). No pensamento de Bauman também é possível identificar aquela mesma sincronicidade entre os indivíduos, que é caracterizada pela individualidade. Se, em Eutrópia, os habitantes migram coletivamente, a razão original foi a frustração individual, o fato de cada habitante não dar conta de sua satisfação, de querer para si um novo ambiente, uma nova vida. Uma nova vida que se muda por turnos e que, por isso mesmo, corrobora a ideia de uma mudança esvaziada de sentido último. Em Eutrópia, as “vidas se renovam de mudança em mudança, através de cidades que pela exposição ou pela pendência ou pelos cursos de água ou pelos ventos apresenta-se com alguma diferença entre si” (Calvino, 2017 78).

Bauman discute acerca da nova concepção de sociedade e individualidade na modernidade, ao apontar que a primeira perde sua força como um agrupamento de indivíduos que se identificam e buscam um bem-estar coletivo, uma vez que houve a privatização de suas tarefas e de seus deveres. “O que costumava ser visto como uma tarefa para a razão humana, como dote e propriedade coletiva da espécie humana foi fragmentado –‘individualizado’, deixado à coragem e à energia do indivíduo– e atribuído a recursos administrados individualmente” (Bauman, 2008 136). O cidadão está livre para escolher o tipo de vida e função que melhor lhe convier. Mas isso não foi uma deliberação conjunta e consciente; foi imposta.

Bauman lança luz para pensarmos sobre a nossa realidade do contexto de aqui e agora. Recentemente nota-se uma investida de abrangência mundial contra os direitos dos trabalhadores e enxugamento das funções e serviços prestados pelo Estado. Em nosso país, no dia primeiro de janeiro de 2019, foi extinto o Ministério do Trabalho, dentre outras decisões, inclusive com a aprovação da Reforma Trabalhista. Uma das justificativas do governo sobre o fim do Ministério do Trabalho é que isso iria desburocratizar as relações trabalhistas e permitir a livre negociação entre patrões e empregados acerca de salários, férias, horário de trabalho, duração contratual etc. No entanto, as críticas feitas a essa atitude do governo evidenciam exatamente o contrário, ou seja, vários direitos dos trabalhadores foram usurpados e o apoio jurídico eliminado, ficando expostos a uma

negociação desequilibrada e desigual com o patrão que, agora, foi premiado com total e exclusivo arbítrio.

Nesse sentido, o indivíduo não se encontrava preparado para esse enfrentamento solitário, desproporcional e parcial em relação ao trabalho. O que havia de concreto e de segurança nas leis laborais foram abolidas, em nome do capitalismo liberal, abrindo uma lacuna que somente poderá ser readequada e reajustada com a política, uma política coletiva. No modelo de vida dos habitantes de Eutrópia, também é possível identificar a individualidade reinante em seus habitantes, que só existem, como sociedade, porque compartilham a ânsia de resolverem seus fastios pessoais com a migração para um local que lhes brindará com uma brisa renovadora, mas passageira. A perda da política eficaz é lembrada por Bauman quando aponta que houve um “esvaziamento do espaço público, e particularmente da ágora, esse espaço intermediário público/privado onde a “política da vida” se encontra com a Política com “P” maiúsculo, onde os problemas privados são traduzidos em questões públicas e onde são buscadas, negociadas e estabelecidas soluções públicas para questões privadas (Bauman, 2008 139).

A Política com “P” maiúsculo está se dissipando e findando-se em todo o mundo. E a individualidade ofertada aos habitantes terrestres é assimilada e exercida em sua forma mais caótica, desarranjada e desconexa. É uma individualidade puramente focada na singularidade de cada um, nos desejos pessoais, nas realizações particulares, no ego restrito. Se bem ou malsucedido, a responsabilidade é toda do indivíduo. Bauman, resgatando Gotthold Lessing, exclama que há muito tempo, no início da era moderna, as pessoas foram se libertando das crenças religiosas e que “nós, os humanos, estamos “por conta própria” - o que significa que não existem outros limites para o desenvolvimento e o autodesenvolvimento além de nossos próprios dons, de nossa coragem, resolução e determinação, sejam adquiridos ou herdados. E tudo o que é feito pelo homem também pode ser desfeito pelo homem” (Bauman, 2008 135).

Os habitantes de Eutrópia, cidade em que não existem grandes diferenças de riqueza ou autoridade, “repetem uma vida idêntica deslocando-se para cima e para baixo em seu tabuleiro vazio” (Calvino, 2017 78). O tabuleiro vazio é uma boa metáfora para a sociedade líquida. Nela não pode haver um jogo de verdade: como alternativa de lazer, o jogo é o do tédio; como uma representação da vida “real”, o jogo não tem duração porque não existem papéis definidos –todos são intercambiáveis–, as regras não estão postas e as estratégias são superficiais; como uma batalha de forças opostas, não há campo para batalha, porque as forças estão estratificadas e diluídas.

Como um tabuleiro vazio, “Eutrópia permanece idêntica a si mesma”, escreve Calvino (2017 78). E a explicação que segue também vale para nossa contemporaneidade: “Mercúrio, deus dos volúveis, patrono da cidade, cumpriu esse ambíguo milagre”

(Calvino, 2017 78). Vale lembrar que Eutrópia é a terceira cidade do grupo “as cidades e as trocas”. O que a caracteriza é a mudança contínua (troca de lugares, funções, relações etc.), mas é essa mudança que faz com que ela permaneça a mesma. Na sociedade líquida do consumo é a constante troca, o imperativo pela não durabilidade das coisas, que determina a continuidade do sujeito.

O tabuleiro vazio também serve como uma metáfora para instituições basilares de um país, como os partidos políticos. No Brasil é perceptível atualmente a falta de organização, consistência, coerência, estabilidade e definição política em quase todos os trinta e três partidos legalizados. A exceção fica por conta de poucos deles que se mostram sólidos e que contêm um programa definido e elaborado tanto de auto-organização quanto de convicções políticas.

Em tempos em que as instituições são demolidas e o foco cai sobre o indivíduo, o que se percebe no eleitorado brasileiro é a importância que é atribuída às personalidades políticas, independentemente dos partidos a que estejam filiados. Há uma crescente disputa individualizada pelos cargos governamentais. Costumeiramente, o eleitor escolhe seu candidato pelo seu poder de convencimento, sem levar em consideração o que os partidos dos concorrentes estabelecem e propõem. O valor está no indivíduo e não mais em uma instituição.

O tabuleiro da política talvez tenha também, como patrono, Mercúrio, deus do volúvel e do instável. Os partidos brasileiros não são bem definidos, não possuem ideologias sólidas, apresentam desempenhos arbitrários e são flexíveis. O campo de enfrentamento no qual se dá o embate político é gerido por regras que podem ser invertidas ou manipuladas segundo os acordos efêmeros que ocorrem entre as personalidades eleitas.

Considerações finais

É na profundidade térrea que o trabalho de sociólogos e literários confluem. Atingido o objetivo aquífero das motivações humanas, elas são canalizadas para a crosta terrena dos acontecimentos e, assim, cientistas e pensadores enfrentam um segundo momento do labor, centrado no trabalho da análise. É um momento delicado. O observador (cientista ou literário) pode ser repellido ou confundido pelas náiades que se infiltram na liquidez das reações e relações humanas ou, ainda, ele pode se afastar voluntariamente da análise, receoso de haver exposto as conexões humanas e incitado as ninfas. Aqueles que não se afugentam, não se afastam ou não são confundidos, tem a vantagem de produzir obras fecundas. Calvino e Bauman falam com profundidade de nossa condição humana.

Dois anos após a publicação de *As cidades invisíveis*, Italo Calvino, em uma entrevista,⁸ fala sobre a cidade de Paris. É interessante notar a multiplicidade de aspectos abordados por ele quando discorre sobre sua relação com essa e outras cidades, propiciada pelo avanço nos meios de transportes. A multiplicidade de aspectos da relação do homem com seu meio é também um traço característico em *As cidades invisíveis*, obra sobre a qual ele conjecturou:

Se meu livro [...] continua sendo para mim aquele em que penso haver dito mais coisas, será talvez porque tenha conseguido concentrar em um único símbolo todas as minhas reflexões, experiências e conjecturas; e também porque consegui construir uma estrutura facetada em que cada texto curto está próximo dos outros numa sucessão que não implica uma consequencialidade ou uma hierarquia, **mas uma rede** dentro da qual se podem traçar múltiplos percursos e extrair conclusões múltiplas e ramificadas (Calvino, 1990 96). [grifos nossos]

A imagem de rede aparece em diversas cidades invisíveis,⁹ e tem uma importância crucial em Otávia, uma das cidades delgadas, que é “uma cidade teia de aranha” (Calvino, 2017 90). Essa teia, ou rede, está situada entre duas montanhas e seus habitantes acostumaram-se a se locomoverem pelos seus fios e passarelas, pois, do contrário, despencariam no abismo. Dessa forma, a mesma rede que dá subsistência à cidade é a que também permite a passagem de seus moradores” (Calvino, 2017 90). Todo o resto, que deveria se elevar, está pendurado para baixo. Calvino (2017 90) dá o tom da narrativa inusitada já no início da descrição de Otávia, quando afirma: “Se quiserem acreditar, ótimo”.

A imagem da rede se apresenta como um excelente indicativo para se falar de mecanismos essenciais do processo de globalização: rede de transportes; de comunicação etc. Nesse sentido, a obra de Calvino parece-nos extremamente atual, já que “rede” passou a ser uma designação bastante vigente em nosso cotidiano. Uma busca no Google exhibe a proliferação do uso da palavra, associada às inúmeras atividades contemporâneas. A expressão mais usual é certamente “redes sociais”.¹⁰ Elementos extremamente relevantes em nossa sociedade atual, as redes sociais foram sempre assunto de pauta nas reflexões de Bauman, que também usou “rede” em diversas outras acepções, de modo geral sempre relacionadas ao processo de globalização.¹¹

O sociólogo, que discorreu sobre as grandes ambivalências de nossa época, encontrou, nas cidades de Leônia e Eutrópia, bons exemplos para discutir a

8. Calvino (1974).

9. Ver, por exemplo, Calvino (2017 34, 121 e 142), passagens em que Kublai Khan e Marco Polo aparecem em redes de balanço em seus diálogos. Em *Zaira e Zemrude*, há menções a redes de pesca (16, 79); em *Esmeraldina*, existem “redes de canais”, “redes de ruas”, “rede de trajetos”, “redes de covas subterrâneas”, (107-108); em *Berenice*: “redes de fios e tubos e roldanas e bielas e contrapesos” (195).

10. “Rede” está em nomes de filmes recém-lançados sobre as redes sociais, como *A rede* (2006), *Rede de ódio* (2020) e *O dilema das redes* (2020).

11. Bauman utiliza tantas vezes a palavra rede que seria um despropósito fazer um levantamento do uso delas.

condição humana na sociedade líquida. O sujeito, imerso em um mundo cada vez mais consumista, tende a desvalorizar tudo o que tem uma continuidade no tempo. Somente o efêmero tem valor –desde os bens de consumo até as relações sociais, trabalhistas, afetivas etc. Tal como o habitante de Otávia que tenta se equilibrar nas passarelas de madeira, sem cair nos orifícios de sua cidade-rede (Calvino, 2017 90), o habitante do mundo líquido, tenta, a todo custo, manter-se nas redes sociais como um produto a ser comprado em função de seu valor claudicante. Se para o habitante de Leônia, o lixo era uma ameaça, o sujeito do mundo líquido tem dupla ameaça: além de ter de se livrar do lixo, precisa se precaver também da ameaça de ser jogado no lixo.

Calvino não viveu para refletir sobre os efeitos do estado atual de nossa globalização e Bauman morreu antes da pandemia. A mudança contínua que vínhamos experimentando no mundo líquido condensou-se repentinamente a ponto de perdermos a graduação que ela ainda podia conter. Subitamente, vimo-nos em casa, bombardeados de informações, com novas e crescentes demandas de eletrônicos para aumentar, de vez, a liquidez de nossos laços. Nosso ambiente de estudo, de trabalho, de lazer confunde-se difusamente. As delimitações do tempo na “rotina”, que ainda podíamos assim designar, perdem-se num tempo ainda mais sem referência ao espaço.

Quando indagado, em uma entrevista para o programa Milênio, acerca do que lhe trazia esperança no futuro da humanidade, Bauman (2016) lembrou que a história é testemunha da existência de tempos cruéis e sórdidos, de quando as pessoas não sabiam o que fazer, mas encontraram uma solução. O que lhe preocupava, no entanto, “é o tempo que levarão para achar o caminho agora” (Bauman, 2016). E sua indagação aí é bastante pertinente para nossos dias: “Quantas pessoas se tornarão vítimas até que a solução seja encontrada?” (Bauman, 2016).

A vida, em tempo de tantas incertezas, segundo Bauman (2007b 114), pode ser vista como uma “peça improvisada e incompleta, com sua trama ainda em curso –uma peça na qual todos nós somos, intermitente ou simultaneamente, auxiliares, contrarregras e personagens em cena”. A seu ver:

ninguém poderia reivindicar melhor registro dos dilemas enfrentados pelos atores do que o que já foi feito nas palavras atribuídas a Marco Pólo pelo grande Italo Calvino em *La città invisibili*: O inferno dos vivos não é algo que será: se existe um, é o que já está aqui, o inferno em que vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Há duas maneiras de não sofrê-lo. A primeira é fácil para muitos: aceitar o inferno e se tornar parte dele a ponto de não conseguir mais vê-lo. A segunda é arriscada e exige vigilância e preocupação constantes: procurar e saber reconhecer quem e o quê, no meio do inferno, não são inferno, e fazê-los durar, dar-lhes espaço. (Bauman, 2007b 114)

Como sabemos, a parte citada acima é a final do livro de Calvino –a recomendação de Marco Polo, dirigida a Kublai Khan, por sua perspectiva pessimista e incerta diante do futuro. Dirigida ao personagem imperador, a recomendação foi perfeita para Bauman e continua, como sempre (ou talvez, como nunca), muito bem-vinda, para todos nós, atores imersos em uma cena improvisada.

Bibliografia citada

- Bauman, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Zahar, Rio de Janeiro, 2001.
- . *Entrevista com Zygmunt Bauman*. Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke. *Tempo social*, vol. 16, nº 1, 2004a.
- . *Amor líquido*. Zahar, Rio de Janeiro, 2004b.
- . *Vida líquida*. Zahar, Rio de Janeiro, 2007a.
- . *Tempos líquidos*. Zahar, Rio de Janeiro, 2007b.
- . *A sociedade individualizada*. Zahar, Rio de Janeiro, 2008.
- . *44 cartas do mundo líquido moderno*. Zahar, Rio de Janeiro, 2011.
- . “Diálogos com Zygmunt Bauman.” Instituto CPFL Energia; Seminário Fronteiras do Pensamento, 25 julho 2011. vimeo.com/27702137
- . “Estamos num estado de interregno. Vivemos na modernidade líquida.” Marcelo Lins. Programa Milênio, 1 janeiro 2016. www.conjur.com.br/2016-jan-01/zygmunt-bauman-neste-seculo-estamos-num-estado-interregno.
- Bauman, Zygmunt, e Riccardo Mazzeo. *O elogio da literatura*. Tradução de Renato Aguiar. Zahar, Rio de Janeiro, 2020.
- Calvino, Italo. “Italo Calvino: um uomo invisibile.” Nereo Repetti. fevereiro 1974. www.youtube.com/watch?v=OegFh4vwExI&ab_channel=PliegoSuelto.
- . *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. Companhia das Letras, São Paulo, 2017.
- . *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução de Ivo Barroso. Companhia das Letras, São Paulo, 1990.
- Matta, Eduarda Regina da, e João Amalio Ribas, Lúcia Sgobaro Zanette. “Cidades inexistentes, cavaleiros invisíveis: questões da pós-modernidade em Italo Calvino.” *Revista de Letras*, vol. 51, nº 2, 2011, pp. 153-69.
- Weber, Max. *A ciência como vocação. Ciência e política: duas vocações*. Cultrix, São Paulo, 2011.